

Nós, documentaristas - Vincent Carelli

00:44 – Vincent: O que me instiga a fazer documentário é a curiosidade pelo diverso, pelos outros. Mergulhar nessas realidades. É sempre um fazer coletivo, não é uma coisa, uma ideia que eu tenho, que eu vou fazer. São processos coletivos em que o outro é que dá a deixa. Depois tem o outro lado da moeda, quer dizer, você faz para dar a conhecer a uns outros, ou faz documentários, coisas que você admira ou ama, ou você faz coisas sobre coisas que você odeia, que te revoltam. Coisas necessárias que se imponha a você, mas... né? São atos obrigatórios quase. Desafios, são temas que se apresentam, que atravessam sua vida e você vai lá e faz.

Na verdade, virei cineasta sem querer, que nem era minha intenção. Eu era fascinado por imagem, fotógrafo, mas era mais um experimento, né? Sobre um processo de apropriação das imagens pelos índios. Eu entrei pro cinema assim, mas sem nenhuma cultura cinematográfica, sem enfim... Gostava de cinema como qualquer um gosta de ir pra sala de cinema e ver cinema, mas enfim, né? Eu caí de boca, já pegando a câmera a pela primeira vez no “vídeo transe”. A experiência era o seguinte, você filmar – eu fui convidado pra uma festa e tal – e mostrar imediatamente cada dia. E como é que seria o interesse deles, né? A questão da memória cultural de povos que estão de transformação e de mudança muito rápido e muito radical.

Narrador do vídeo na TV em off: Os Nambiquaras se dividem em três grandes grupos: os do norte, entre eles os Mamaindê, os dos campos e os da mata. Falam dialetos de uma mesma língua e a relação entre eles, envolve, simultaneamente, a troca e a rivalidade.

Indígena: A fábrica da nossa pai do céu.

Narrador do vídeo na TV em off: Alguns grupos têm alianças mais duradouras porque trocam entre si, mulheres para casar. As meninas estão aptas para casar depois da primeira menstruação, quando então, se realizam os ritos de puberdade. É a “festa da moça”.

Vincent Carelli: E eu me vi com esse material, que foi uma catarse muito impressionante, né? E o filme “A Festa da moça” tá muito aquém, evidente, do que aconteceu, né? Porque eu nem sabia como é que fazia um filme, na verdade. O evento em si era tão potente que o filme de alguma maneira traz isso.

Indígena 1: se você não tem estêncil enfiado no peito na boca, no nariz, na orelha, a pessoa não vai acreditar.

Indígena 2: É.

Indígena 1: Vai falar, você não é índio. Aí não tem jeito pra comprovar que você é índio, entendeu?

Indígena 2: É.

Indígena 1: Índio tem que ser sempre índio.

Vincent Carelli: E eu fiz filme por que? Porque eu achava importante essa experiência com os índios, dessa apropriação deles que gerava uma autorreflexão. E assim, sucessivamente, eu fui levando essa experiência em vários povos com os quais eu já tinha intimidade, né? E cada um, cada um desses processos resultou num filme. Aí os caras, caiu a ficha, puxa a gente pode estar nessa telinha aí, né? O vídeo nas aldeias não é... não começou como uma escola de cinema, era uma escola de coisas belas. Eles não queriam falar de problema. Porque o fazendeiro, porque madeireiro, porque o garimpeiro, porque... entende? A questão da imagem suscitou neles “o que é importante pra nós, o quê que...”, né? Romper essa invisibilidade, trazer as coisas...

05:42 – Eu não sou índio. E tem Yanomami, tem Caiapó, tem Guarani, tem... Mas índio, essa categoria genérica, não existe. E é esse, justamente os índios querem ser reconhecidos na sua... não como uma categoria genérica, né? Dentro da sua cultura, cada povo, você entende? Então, é a afirmação disso.

Divino: Eu sou Divino, da nação Xavante, trabalho com câmera, com vídeo.

Vincent Carelli: O projeto “Similares” acontece no mesmo ano, em 86, nasce no Brasil esse projeto, na Bolívia e no México. E a gente só veio a se encontrar uns anos mais tarde em Nova York, num festival do museu dos índios americanos, onde vinha povos nativos do planeta. Os povos nativos dos países desenvolvidos já iam pra Universidade, já faziam faculdade de cinema, já tinha regime de cotas na Austrália, por exemplo, com os aborígenes. Tudo isso dava uma perspectiva do que era o futuro. Isso trouxe essa transformação do vídeo nas aldeias em escola de cinema. Não, vamos passar a câmera e vamos... Eu já dava a câmera desde o começo, mas eu tinha uma inibição, será que eu vou ficar ensinando uma coisa que, bom, eu tô aprendendo. E dar fórmulas, faz isso,

sugerir, né? Faz assim, faz assado... E dava a câmera e deixava lá e eles ficavam filmando e aparecia coisas incríveis.

Porque uma coisa é o registro, né? Que pra eles é fundamental, extenso, completo. E outra coisa é transformar isso numa história num filme. Então, essa passagem não se daria assim de maneira espontânea, e aí a gente vira uma escola de cinema pros índios. E, imediatamente, saíram filmes que foram... qualquer tipo de público podia olhar e aquilo e falar “puxa, nunca vi a realidade indígena com essa intimidade, com essa proximidade”.

Vincent Carelli: Que é uma proximidade que humaniza, que aproxima, não é pra ficar apontando o que... Ai que estranho o que ele faz, ó que curioso... Que é o olhar de fora, e no fundo, as pessoas assistem e falam “puxa... ele teve a mesma reação que eu teria” ou enfim, ri da graça deles.

Indígena 1: É uma encenação de uma história antiga do nosso povo.

Professor: A câmera tá aqui e você é o monstro, a câmera tá atrás de você e o cara descendo, não é isso? Aí você falou, aí agora vai lá pra cima da árvore e vê o cara de perto, só que aí a gente tá... ele tá descendo aqui, vê o cara de perto, o rosto dele descendo e aí podia já ver o monstro nessa mesmo, ao invés de voltar pra lá de novo.

Indígena 2: Quando ele olha assim, a gente continua com esse plano.

Professor: Qual?

Indígena 2: Esse plano descendo assim.

Professor: Esse aqui?

Indígena 2: É, quando ele tá no meio, ele...

Vincent Carelli: E tudo que eu fiz, é pelo prazer de estar com eles e realizar esses desejos. Então, todos os filmes que eu fiz na primeira década, de onde era praticamente a minha câmera a serviço dos projetos deles. E até filmes fáceis de fazer porque tinha pessoas geniais, intelectuais indígenas que davam o recado. Eu acho que logo eu dei esse pulo que era a barreira da língua, né? Logo, trabalhei com uma antropóloga que falava muito bem a língua e aí passar a voz pra eles.

10:41 – Eu mostrava o filme de outros índios, aí falava “não puxa vida, ele... eu entendo o que esse cara fala, eu quero visitar esse cara, eu quero conhecer esse cara, então bora lá”. Tem isso, tem o conhecimento, a relação, a amizade, é uma coisa fundamental. Como por exemplo nos filmes em que eu realizei o desejo deles de ir conhecer o outro povo, e tal. Eu sempre disse, quer dizer... tem um filme, tudo bem, mas o fato deles terem se encontrado e são relações que permaneceram até hoje, né? De repente, você estabeleceu uma ponte... e isso é muito mais importante que o filme.

Esse negócio do lugar de fala, pra mim era tão evidente, aliás tudo que eu fiz é tão óbvio. Mas não parece óbvio pras pessoas porque os índios são uma coisa tão distante, é quase outro mundo e sobre o qual as pessoas sabem muito pouco. Aqueles que gostam dos índios, falam “não, ele tinha que ficar assim, purinho”. E os que não gostam falam “não, aí ó, o cara já tá vestido, Nike, celular, então não é mais índio. Então é uma incompreensão tão grande... enfim, nem entra em cogitação o desejo deles, o desejo de compartilhar e todos os outros preconceitos. “Ah não, o índio tem que morar na taba”, como se o índio fosse alguma peça de zoológico ou de museu.

Vincent Carelli: E eu com tudo ao contrário, quer dizer, os índios têm uma curiosidade devoradora do mundo externo.

E sobre a questão da militância, quero dizer, a gente tem que entender porque... todos os filmes que eu fiz no começo, que os índios fizeram, era um projeto militante, de intervenção, mas não pra produzir filme militantes no senso estrito, né? Era militância de revelar as coisas belas dos índios, das experiências positivas, não só pros outros índios, que acho que o nosso primeiro público sempre é o público indígena.

Vincent em off: Eu fui com uma VHS, um monitor, um gerador e um player, né? Comecei a filmar e eles começaram a assistir. As lideranças entenderam imediatamente, a importância política de estar na telinha. Então, quer dizer, eles fizeram do projeto, um projeto político, mas pela via cultural.

Entrevistador em off: *Qué cuenta eso filme?*

Indógena: Conta uma espiritualidade, fuerza chavante, donde llega, puede ser espíritu, para curar e para sonhar. Eso, cuenta mucho... Uma coisa importante do homem Xavante. Son los hombres que hacen esse... cerimônia.

Vincent: Eu produzi nos primeiros dez anos, filmes sobre o vídeo processo, que era explicar o que acontecia e dar vida ao projeto, parei de fazer filme durante um longo período, em que o meu investimento era no filme deles, né? Na direção de oficinas. E você de certa forma, também é coautor desses filmes. É que nem um cara que dirige, oriente uma tese, ele vai lá e bota do dele, fala “não...”, sugere, questiona, enfim, é um debate, né?

15:40 – Então, durante um bom período eu deixei de fazer filme e a hora que eles assumiram mesmo a câmera, aí eu voltei pra fotografia. Falei, bom agora eu volto pro meu low-profile de fotógrafo. E depois dos... dos cinquenta e pouco, aí eu entrei numa outra jornada aí que, Corumbiara, Martírio e agora esses que vêm agora. Também são filmes de uma vida, que eu levei vinte, trinta anos pra fazer.

Vincent em off: Foi então que o Marcelo Santos, indigenista da FUNAI, me pediu pra registrar os vestígios de um massacre de índios isolados na área Corumbiara no sul de Rondônia. Eu tava começando e pra mim, a possibilidade de dar ao vídeo uma função de militância mesmo era o que importava e eu e o Marcelo, que tava completamente desacreditado, porque ninguém deu bola pra denúncia de massacre. Essa era a última chance de registrar as evidências que iam desaparecer rapidamente.

Vincent Carelli: É o começo do Corumbiara, que é uma história que foi... uma das histórias mais emocionantes, mas tristes na minha vida. Processo que eu acompanhei quinze anos. E é isso, diante da impotência, da derrota que foi não conseguir prender os fazendeiros que cometeram e eu sei quem é, você entende? Eu abandonei o filme, você entende? E depois, esse negócio ficou engasgado, né? Eu não posso morrer com essa história, você entende? Eu tenho que contar essa história. No mínimo é o que eu posso fazer, não é? E essa... revanche é uma palavra feia né, mas é um pouco, dar a volta por cima. Tudo bem, o cara não foi punido, que era o objetivo imediato, mais do que fazer... tudo que eu filmava, eu mandava pro juiz em Porto Velho, enfim, a filmagem sempre entra no processo das lutas que estão se travando, né? Essa questão da visibilidade dos índios nesse país, é uma questão fundamental. E numa sociedade da comunicação, cara, isso é arma estratégica, né? De... de trabalhar e tentar romper essa invisibilidade.

Homem no documentário: Tá vendo isso aqui, bicho? Isso aqui é urucum, urucum do acampamento deles, isso aqui tudo é urucum. Pode ver, aquele monte ali, tá? Aquele monte de pau é o que sobrou dos acampamentos, porque as outras casas que nós achamos,

estavam na fossa. Depois que eles sofreram um ataque, eles acamparam aqui, as roças eram mais adiante. Então aí, o pessoal achou aqui, pegou o trator e limpou o que tava aqui. Aqui foi achado as balas de 38. O Pedro achou duas balas de 38 aqui em cima. Aquilo ali é o resto das casas deles, é o que sobrou das casas.

Vincent Carelli: Depois surgiu a ideia de continuar com isso, não é? De... dessa... pensei a trilogia né? O Martírio, dos Guarani-Caiová se impôs, até atravessou o caminho, entrou na frente, pela urgência, pela dramaticidade. Martírio pra mim foi... não é nem uma coisa normal, assim, foi um surto. Um surto que durou quatro anos da minha vida, eu quase morri. Eu tenho que fazer esse filme, eu tenho, é uma obsessão. E eu tenho que fazer, tenho que mergulhar lá dentro, eu tenho que pesquisar, entrar na história, saber a gênese dessa desapropriação, eu quero entender esse negócio. Eu quero entender o Brasil. Então, foi um surto incontrollável, até que eu cheguei no final e quando você chega no final, você nem tem a dimensão daquilo que você fez. Só foi em Brasília, com aquela sessão catártica, histórica, que eu olhei pra Tita, a montadora, e falei “Tita, cara, o que é que nós fizemos, que loucura”.

20:48 – Vincent em off: Acompanhei este movimento invisível para o país, por cerca de dez anos. Quando suspendi meus projetos de filmes, para me dedicar a formação desses cineastas indígenas.

Quinze anos mais tarde, o conflito no Mato Grosso do Sul se agravou e tomou conta do noticiário nacional. Assassinatos bárbaros se sucedem. A mídia trata os índios como invasores e o lobby ruralista no Congresso Nacional ameaça seus direitos.

Vincent Carelli: Uma das grandes surpresas de Martírio, é ter essa leitura da relação do Estado brasileiro com os índios e como isso é um contínuo de um processo colonial que não terminou. E que continua com as mesmas marcas fundamentais, o Brasil não encarou a até hoje, os índios de igual para igual. Eles são uma população a ser controlada e expropriada. E a luta pela terra nunca vai terminar. Os índios sempre estiveram entre a cruz e a espada. Desde o começo do processo colonial desse país, os índios que acolheram, manda a missão pra catequizar, e os índios que resistiram, manda o exército exterminar. Isso aí até hoje, você entende? Então, na época da ditadura, essa perspectiva de assimilar o índio e apagar o índio no sentido de diluir ele na sociedade brasileira, que era um projeto de nação, era esse. A medida que o país cresce, eles vão lá espremer os índios.

Vincent em off: A notícia do despejo extrajudicial, com participação irregular de policiais militares repercute mal e obriga a FUNAI e reconhecer a área como território Caiová. A batalha passa então, a ser judicial. Despejos judiciais e retomadas se sucedem.

Vincent Carelli: Todo meu empenho é trazer a realidade indígena em toda sua complexidade. É o desafio de tentar entender pra onde as coisas estão indo. Os índios não serão os mesmos daqui uma década, duas, três. Assim como a gente não é o mesmo dos nossos pais da década de 50, 30, 20... você entende? E é o desafio de estar com essa juventude e entendê-los. Eu acho que o meu fascínio nesse momento, é deixar esse legado pra essa nova geração, jovens que se interessam pelos índios, entenderem eles em toda a sua complexidade e em todas as suas contradições, né? E eu sou eterno curioso e como são questões sobre as quais eu refleti a vida inteira, né? E que eu continuo tentando entender, enfim, e apresentar. Esse mundo maravilhoso que me fascinou e que me fascina até hoje, né? Pro Brasil, povoar o imaginário brasileiro com essas imagens, com essa realidade.